

AFORIZAÇÃO NA MÍDIA MARIANENSE: REFLEXÕES DO PONTO DE VISTA DA  
MINEIRIDADE

*APHORIZATION IN THE MARIANIAN MEDIA: REFLECTIONS FROM THE POINT OF VIEW  
OF MINEIRITY*

**ALESSANDRA FOLHA MÓS LANDIM**

cna.alessandrafolha@gmail.com

Universidade Federal de Minas Gerais

**Resumo:** Este trabalho tem como objeto de estudo enunciados retirados de publicações de jornais marianenses que se relacionam com as noções de mineiridade. Esses enunciados advêm de variadas matérias e demonstram como as noções de participação, sobreasseveração e aforização são colocadas em uso nos textos jornalísticos da mídia marianense. Assim, essas noções podem ser tomadas como constitutivas da construção discursiva desses jornais do ponto de vista da mineiridade e são colocadas à prova nas situações enunciativas que esses jornais se enquadram, sendo, assim, ferramentas discursivas. A questão da mineiridade é tomada sob a ótica de um conjunto de valores que constroem o ser mineiro, sem, no entanto, ser trabalhada de modo exaustivo, pois o foco se encontra nas ferramentas discursivas utilizadas para colocar em jogo esses ideais. São analisados especialmente enunciados retirados dos jornais O Cruzeiro e Voz de Marianna, que são publicações mineiras e marianenses do século XX.

**Palavras-chave:** Jornais marianenses; mineiridade; aforização.

**Abstract:** *This paper has as object of study statements taken from publications of newspapers from Mariana that are related to the notions of mineirity. These statements are taken from a variety of subjects and demonstrate how the notions of participation, surassertion, and aphorization are put to use in the journalistic texts of the Marian media. Thus, these notions, can be taken as constitutive of the discursive construction of these newspapers and are put to the test in the enunciative situations that these newspapers fall into, being discursive tools. The issue of mineirity is taken from the point of view of a set of values that build the “being mineiro”, without, however, being worked in an exhaustive way, because the focus of the paper is on the discursive tools used to put these ideals into play. Statements taken from the newspapers O Cruzeiro and Voz de Marianna, which are publications of the twentieth century from Mariana – Minas Gerais, are analyzed in this paper.*

**Keywords:** *Newspaper from Mariana; mineirity; aphorization.*

### **Considerações Iniciais**

Este trabalho procura refletir sobre noções discursivas específicas que se relacionam com a utilização de frases de destaque colocadas em uso em diversificadas situações enunciativas. Essas frases de destaque são, assim, colocadas no corpo ou nas imediações de um texto de modo a se relacionarem com ele e/ou serem constitutivas dele. Assim, para além de questões intertextuais e interdiscursivas que estão ligadas a esse tipo de ferramenta discursiva, concentramo-nos aqui em especificidades das construções discursivas que colocam em jogo a atividade discursivo-enunciativa

nos textos. Nesse sentido, é importante observar que esse fenômeno da natureza discursiva está sendo colocado à prova neste trabalho sob a égide das aforizações (MAINGUENEAU 2008 e 2014) em enunciados retirados da mídia marianense do século XX. Essa temática vem ao encontro de nossa pesquisa de mestrado em que trabalhamos as noções de mineiridade nas construções discursivas dos jornais que circularam em Mariana à época mencionada.

Para que tenhamos uma breve definição sobre o modo como chegamos aos enunciados da mídia impressa marianense aqui citada, voltemos ao início de nossas inquietações quando do manuseio dos jornais de modo que aos primeiros contatos com os mesmos ficaram implícitos valores que se relacionavam (in)diretamente com certa preocupação com o *ser mineiro*. Sendo assim, pensando nas especificidades da vida em sociedade e imbuídos da preocupação de que o discurso se materializa linguisticamente por meio de atividades sociais, passamos a refletir nos jornais como elementos de materialização de discursos sobre o que essa temática. É importante que, antes de nos ocuparmos das noções de aforização, possamos recuperar elementos desse *ser mineiro*, uma vez que estamos imbuídos do desejo de analisar a aforização e suas características à luz dessa concepção. Para efeitos de contextualização sobre os entornos da mineiridade, então, compreendemos que, muito embora estejamos tratando de uma noção amplamente heterogênea dadas as suas especificidades históricas, simbólicas e dimensões sociológicas, a noção de mineiridade se mostra um tanto paradoxal, visto que “em todo território nacional a identidade mineira é reconhecida, como se todos soubessem o que o mineiro é” (FRANÇA, 1998, p. 70). Assim, na noção genérica da qual se ocupa esta concepção neste trabalho, podemos tomar como ponto de ancoragem para a mineiridade, a noção de que

se a mineiridade implica sobretudo um conjunto de valores, crenças e símbolos, é, entretanto, no jeito e nas atitudes dos mineiros que ela encontra sua maior forma de expressão: representação abstrata da gente mineira, ela atinge a sua materialização através de um comportamento “natural e esperado” do homem de Minas (FRANÇA, 1998, p. 71).

É sob esse escopo que nos apoiamos em relação à questão da mineiridade neste artigo: não em um estudo acurado sobre o que se entende por *ser mineiro* em um sentido acadêmico, mas em noções que carregam em si marcas de atitudes, historicidade, política e religiosidade, marcas estas tomadas de abstração e materialização daquilo que se “espera” de um homem de Minas. Todavia, para que possamos embasar um pouco mais essa noção, trabalhamos com as proposições de Arruda (1990), para quem as noções de mineiridade se relacionam com religião (especialmente catolicismo), ideais de liberdade (no que diz respeito aos inconfidentes), prudência, *costumes* políticos, manifestações culturais e artísticas, valorização da história, dentre outros. Por isso, os exemplos de enunciados

retirados dos mais variados jornais marianenses e selecionados para este trabalho se ocupam, além das especificações discursivas que propomos demonstrar, de tematizar todas essas questões aqui mencionadas.

Nosso trabalho se ocupa de um recorte temático dos jornais marianenses. Assim, não existe um recorte temporário, tampouco um recorte de gêneros específicos. Antes nosso recorte se concentra principalmente na noção de mineiridade. Por isso, os enunciados analisados neste artigo são constitutivos de dois jornais marianenses: *Voz de Marianna* e *O Cruzeiro*. Os enunciados propostos para análise são constitutivos de edições dos anos de 1977 e 1987 em *Voz de Marianna*, e 1930 e 1934 em *O Cruzeiro*. Todos eles se relacionam direta ou indiretamente com a temática da mineiridade e, mais especificamente, do ponto de vista enunciativo-discursivo, de noções de citação, a saber participação e aforização (Maingueneau, 2008 e 2014).

### **Peculiaridades nos usos da citação: noções de participação**

Maingueneau (2008) propõe uma reflexão a respeito de citações não prototípicas, isto é, modos de citar um enunciado (os dizeres de um sujeito individual ou institucional) que não seguem os “padrões” da citação tradicional. Assim, o autor ocupa-se em fundir duas palavras para conceber um sistema denominado “participação” (fusão das palavras “participação” e “citação”). De acordo com o autor, nesse sentido considera-se o plano dos procedimentos e o plano dos lugares. No plano dos procedimentos, estão critérios enunciativos, sintáticos, tipográficos, etc. No plano dos lugares incluem-se os gêneros e os posicionamentos. Essas noções maingueneunianas se aplicam às preocupações com os enunciados eleitos neste artigo na medida em que nos damos conta dos processos enunciativos que são utilizados como estratégia discursiva de afirmação de ideais de mineiridade nos jornais. Assim, dialogamos ainda com as formulações de Maingueneau (2008, p. 93) para quem

a “participação” difere da citação prototípica, daquilo que geralmente vem ao espírito quando se fala de “discurso citado”: corte de um fragmento, explicitação de sua fonte, inserção em uma situação de comunicação de caso pensado em outra situação (com todos os problemas associados ao conflito de localização dêitica entre os dois espaços), distância variável entre o mundo do discurso que cita e o mundo do discurso citado em função da estratégia de modalização que o relator adota – grifo nosso.

Ao levarmos em consideração a distância entre o mundo do discurso que cita e o mundo do discurso citado, os enunciados colocados à prova neste trabalho parecem, em alguns casos, fundir sua construção discursiva com outros textos, como se ao leitor fosse conhecida a fonte de seu uso. Dessa

forma, entendemos que as citações prototípicas se diferenciam nesse aspecto desses usos mais específicos de enunciados conhecidos. Para ficar mais claro, podemos considerar o seguinte excerto do jornal *Voz de Marianna* retirado de um texto dedicado ao mês de novembro e seus feriados:

não é apenas a lembrança e o exemplo de um determinado santo que nos ajuda e orienta no nosso caminho de bondade; é uma comunidade inteira que nos induz a nos conscientizarmos do que é bom e do que é mau e a seguir a trilha que leva à paz entre os homens de boa vontade (VOZ DE MARIANNA, novembro de 1977, p. 1) - grifo nosso.

Como tendo nos ideais de mineiridade as temáticas religiosas, podemos ver no excerto a presença de parte do discurso bíblico que narra a história da natividade em que anjos cantaram por ocasião do nascimento de Jesus Cristo<sup>19</sup>. No sentido da alusão ao texto bíblico sem menção de citação prototípica, corroboramos a noção de Maingueneau (2014, p. 69), pois esse recurso “pretende ser reconhecido como citação pelos destinatários, sem que o locutor citante indique sua fonte, e mesmo sem que ele afirme estar efetuando uma citação com ajuda de um verbo *dicendi* introdutor, de uma incisa, etc”.

O mesmo jornal tem outro excerto em que podemos verificar o fenômeno da particitação. É um poema que alude a Carlos Drummond de Andrade à época de sua morte.

E na palma da mão os caminhos tortuosos, estradas de terra  
Caminhos percorridos com fadiga...  
E nunca haveria de esquecer que “tinha uma pedra no caminho”  
(...)  
A paisagem sinuosa das montanhas das Gerais, infantis colinas  
Onde vive um povo forte e orgulhoso, com “oitenta por cento de ferro nas almas” – os  
Homens de Ferro de uma Minas mãe e amiga...  
O desabrochar da “Rosa do Povo” na alma de ferro e coração de ouro  
Encantou... Como o eco do som de um sino percorrendo vales esquecidos.  
Encantou a todos o silêncio da montanha que o menino trazia em seus olhos, e a sua presença  
forte e incorruptível a “penetrar surdamente no reino das palavras” trazendo de lá a rara pérola  
pela vida lapidada, verso morno entoadado pela “Boca de Luar”... (VOZ DE MARIANNA,  
setembro de 1987, p. 4).

Além de observarmos noções que perpassam o imaginário do que é ser mineiro e da própria geografia de Minas Gerais, encontramos neste excerto alusão clara ao poema de Carlos Drummond de Andrade entre aspas, dentre outros elementos dos quais não ocuparemos aqui e que dialogam com outros textos. Essas aspas se relacionam com o plano dos procedimentos abordado por Maingueneau (mencionado acima) no sentido de recorrer às aspas para que o leitor compreenda tratar-se de uma “citação” e, ao mesmo tempo, percebe-se que “o locutor recorreu a uma particitação: ele não deixa claro (...) que se trata de uma citação, nem, *a fortiori*, quem é seu autor” (MAINGUENEAU, 2014,

<sup>19</sup> BÍBLIA, Lucas, 2, 8-14.



p.71), muito embora reconheça-se que o enunciado “destacado” entre aspas não pertence originalmente ao texto em questão.

## **Enunciados destacados e destacáveis na mídia impressa marianense: o caso das aforizações**

O tipo de destaque entre aspas como vimos acima é bastante comum nas mídias impressas. Além disso, é sempre possível observar nos jornais enunciados que são retirados do corpo de um texto jornalístico para aparecer em outro lugar (numa posição diferenciada em uma página, numa manchete, numa capa, etc) de modo a chamar a atenção do leitor. Tratam-se, portanto, de enunciados para os quais são dados tratamentos de destaque pelo jornal, que torna-se, nesse sentido um *aforizador*. “Nas mídias, os enunciados destacados surgem, via de regra, como ‘pequenas frases’, isto é, enunciados curtos e propensos a retomadas” (LARA, 2013, p. 9). Corroborando nossa formulação, tais enunciados, de acordo com Maingueneau (2006), são destacados e/ou destacáveis. Por isso, “não se devem confundir enunciados *destacáveis* (sobreesseverações) com enunciados *destacados* (aforizações), uma vez que estes não são necessariamente provenientes de sequências destacáveis” (LARA, 2013, p. 10).

Os enunciados destacáveis são “uma modulação da enunciação que formata um fragmento de texto como destacável, como candidato a uma ‘destextualização’” (MAINGUENEAU, 2011, p. 15)<sup>20</sup>. Essa destextualização estaria relacionada ao que mencionamos acima como enunciados que aparecem em lugares diversos de modo a chamarem a atenção do leitor. De modo que para Maingueneau (2014, p. 13) “não basta constatar que certas frases foram destacadas de um texto: deve-se considerar também como elas se apresentavam antes do destaque”. Portanto é o texto fonte que nos apresenta como essas sentenças aparecem e são (re)utilizadas/(re)colocadas na construção do(s) discursos(s). Assim, em enunciados que podem ser “destextualizados” de seus textos de origem repousa uma

sensação de destacabilidade: trata-se de enunciados que se dão como autônomos, de um ponto de vista textual (não há nenhuma necessidade de considerar o que precede e o que segue para compreendê-los) e de um ponto de vista enunciativo (são generalizações) (MAINGUENEAU, 2014, p. 14).

---

<sup>20</sup> É importante dizer que nem sempre um enunciado considerado destacável por determinado sujeito/enunciador é o enunciado que a mídia escolhe destacar. Muitas vezes, especialmente quando tratamos da mídia contemporânea, algumas frases são retiradas de seu contexto e acabam por chamar a atenção do leitor por parecerem significar uma ruptura muito acentuada da ordem das coisas, fazendo com que a curiosidade do leitor seja aguçada levando-o à leitura da matéria. Importante destacar também que esta é uma observação no âmbito das aforizações que não é observada nos jornais pesquisados.

Dentre outros, *O Cruzeiro* apresenta um caso que efetiva essas noções. O jornal toma a Revolução de 1930 como marco histórico de engrandecimento de Minas Gerais e desenvolvimento do país numa tentativa de construir um discurso que valoriza os ideais do que é *ser mineiro*. Dessa forma, critica o sistema político que antecedeu a revolução, posicionando-se favorável a ela. Como vimos, o fato de Minas Gerais ter participado da Revolução de 1930 corrobora a construção de certa identidade mineira que perpassa os textos de *O Cruzeiro*. O enunciado que se segue, além de ser encontrado na construção de uma das matérias do jornal, é igualmente colocado em posição de destaque na capa do jornal, o que configura que, além de sobreasseverado em seu texto original, o enunciado é aforizado de modo a chamar a atenção do leitor para sua capa<sup>21</sup>:

Se é lícito engrandecer e cobrir de louros os nomes dos gloriosos defensores da legalidade combatida, por cuja restauração trabalharam com efficacia, a nós mineiros seja grato homenagear as invictas personalidades dos Drs. Arthur Bernardes, Antonio Carlos e Olegario Maciel, cujos sentimentos patrióticos a nação não poderá jamais pôr em dúvida (O CRUZEIRO, 6 de dezembro de 1930, p. 2).

Podemos destacar duas questões essenciais neste enunciado: i) é uma sequência simples; ii) demonstra o posicionamento político do jornal em relação a um evento histórico. Na sequência, alguns elementos dos ideais mineiridade também podem ser observados: i) nomes que são carregados de significado político e importância sócio-política e ii) a própria descrição de Minas como liberal, ou seja, uma descrição que dialoga com os ideais políticos que um mineiro deve(ria) carregar de acordo com o posicionamento do jornal. Percorrendo ainda essa linha de pensamento, compreendemos a sobreasseveração como

relativamente breve, de estrutura pregnante no plano do significante e/ou do significado; está em posição relevante no texto ou em uma passagem do texto [geralmente no início ou no final do texto], de modo a lhe atribuir o estatuto de um condensado semântico, o produto de uma espécie de sedimentação da realização do discurso; é tal que sua temática deve estar em relação com o intuito do gênero de discurso, do texto em questão: trata-se de uma tomada de posição no interior de um conflito de valores; implica um tipo de amplificação da figura do enunciatador, manifestada por um *ethos* apropriado (MAINGUENEAU, 2006, p. 79).

Sobre o caso de *O Cruzeiro*, ainda é possível rememorar o mesmo autor já que

a frase que é destacada de um texto pode muito bem permanecer em sua vizinhança. (...) Na imprensa escrita, acontece frequentemente que na primeira página ou na capa se encontrem frases entre aspas cujo texto-fonte se encontra numa página interna (MAINGUENEAU, 2014, p. 18).

Há oportunidades, no entanto, em que os enunciados destacados não se encontram em “sua vizinhança”. Um caso prototípico nesse aspecto, encontra-se no editorial da edição de agosto de

<sup>21</sup> A capa do jornal encontra-se digitalizada no anexo 1 deste trabalho.

1987<sup>22</sup> do jornal *Voz de Marianna* que nos fornece um importante indício de que esse tipo de aforização é utilizada como uma ferramenta de construção discursiva. O ditado latino “*Vox Populi Vox Dei*” encontra-se no topo do texto, logo abaixo da palavra “editorial” que aparece em letras maiúsculas indicando que aquele provérbio é parte do editorial daquela edição. Como sabemos, Maingueneau (2011) afirma que a aforização, e no caso em questão, o provérbio latino, não entra na lógica do gênero do discurso. O fato de haver sido colocado no topo do texto, entre aspas e com um sinal de exclamação indica que a aforização não se encaixa diretamente na construção discursiva do editorial, mas ilustra e/ou engloba todo o conteúdo do mesmo. Como é importante mencionar, o editorial foi escrito à época da Constituinte dando-nos pistas de que tanto o editorial quanto o provérbio utilizado para “introduzi-lo” demonstram o posicionamento político do jornal em relação ao que acontecia no Brasil àquela época. Todos o texto se constrói na iminência da Assembleia Constituinte e ainda se relaciona com ideais que podem facilmente se voltar à construção identitária do que é *ser mineiro*. Isso porque a construção da mineiridade imanente nos jornais pode ser depreendida por meio da leitura do editorial em voga. Numa tomada de posição em relação ao esperado da Assembleia Constituinte, o jornal afirma: “Entramos em um período de redescoberta dos princípios de Democracia. Um conceito que nos acompanha desde a descoberta do Brasil sempre deturpado, sempre escondido em páginas de manuais esquecidos” (VOZ DE MARIANNA, agosto de 1987, p. 2). Dessa forma, compreendemos que para o jornal, a democracia, até o momento daquele editorial, não ocorria nos moldes considerados ideais, uma vez que aquele era um momento de redescoberta. Podemos ler ainda no texto em questão:

O povo Brasileiro pouco a pouco vai descobrindo seus direitos, tomando consciência de seus passos, ampliando o seu ideal de Nação. E nesta reconquista de vez e voz, o povo, antes objetivo passivo da ação do governo, de seus desmandos e abusos, tornou-se ou vem tornando-se sujeito da ação de governar. Finalmente a ciência política no Brasil evolui o suficiente para adotar um sistema de governo onde a força do povo é a última palavra, é o voto decisivo em resolver seus problemas. O povo é soberano ao decidir seu destino (idem) – grifo nosso.

Sob o provérbio latino “*Vox Populi Vox Dei*”, nesse excerto, podemos observar que o jornal une o conceito de democracia ideal à participação popular quando dos assuntos políticos. É assim, um importante aspecto que dialoga com a noção de um povo (mineiro) que se ocupa de questões coletivas para o bem estar da população. O jornal ainda atribui ao povo a responsabilidade a ele imputada por ocasião da democracia que estava por vir articulando duas noções que, a nosso ver, se

---

<sup>22</sup> Anexo 2.

relacionam intimamente com a construção discursiva de um ideal de *ser mineiro*: i) a relevância do envolvimento popular nas noções de política do país e ii) a própria evocação de um ser divinal que fala por intermédio do povo, o que coloca as noções religiosas constitutivas da concepção de mineiridade como uma das concepções a serem relacionadas no discurso do texto em voga. Por isso, ao articular o provérbio aforizado no topo do editorial ao próprio discurso do mesmo, o jornal coloca em xeque as concepções do leitor com a finalidade de leva-lo à reflexão sobre sua responsabilidade no jogo da democracia que estaria por começar.

A própria utilização de um provérbio em que o texto original não pode ser recuperado pelo leitor do texto parece-nos evocar a presença de um *hiperenunciador* neste caso. A figura do hiperenunciador é colocada em questão quando dos usos da aforização porque esse é colocado como uma figura que “autoriza” e legitima a fala do enunciador. Dessa forma, vemos no hiperenunciador,

uma instância que, por um lado, garante a unidade e a validade da irredutível multiplicidade dos enunciados do tesouro e, por outro, confirma os membros da comunidade em sua identidade, pelo simples fato de eles manterem uma relação privilegiada com ele (MAINGUENEAU, 2008, p. 109).

No sentido de pensar que a aforização em questão se vale de um hiperenunciador, podemos vincular essa noção à legitimação de um sistema democrático que colocaria em pauta a soberania popular. É evidente que nos reportamos nesse aspecto aos ideais defendidos pelo editorial e não ao contexto da sociedade em que viviam os enunciadores, tampouco ao contexto histórico em que nos encontramos. Dessa maneira, uma figura como o hiperenunciador é aquela que dá garantia de que o que está sendo construído por meio do discurso em voga é uma “verdade incontestável”. Utilizar-se do provérbio “A voz do povo é a voz de Deus” é uma tentativa de modificar o pensamento do leitor. Além disso, note como se constrói o último parágrafo do editorial, atentando especialmente à última sentença:

Que nós brasileiros saibamos nos preparar para exercer esta difícil tarefa de supervisores da máquina administrativa. Que tenhamos força e união na hora de cobrar de nossos representantes municipais, estaduais ou federais os serviços e obras que necessitamos e que tenhamos forças para punir aqueles que nos desagradam ou que se mostram contrários às nossas aspirações e interesses. Tenhamos alma coletiva, fortalecido conceito de Nação e, ombro a ombro, vamos lutar em defesa de nossos direitos. “Vox populi, Vox Dei!” – a voz do povo é a voz de Deus (VOZ DE MARIANNA, agosto de 1987, p. 2).

Nota-se que no fechamento do editorial, a responsabilidade do povo em escolher seus representantes governamentais bem como em supervisionar e requerer suas necessidades está diretamente vinculada à “alma coletiva”, ao “sentimento de nação” e à luta popular que acontece “ombro a ombro” numa clara convocação de coletividade e de sentimento de pertencimento a um



povo. Assim, ao fechar o editorial com o provérbio, o jornal atesta a importância dessas ações de acordo com seu posicionamento. Além disso, somos levados às reflexões de Maingueneau (2014) que tratam de compreender os enunciados destacados como aqueles que condensam a ideia principal de um texto bem como normalmente aparecem como generalizações. Assim, podemos pensar que a “saliência desse fragmento é assegurada pelo fato de que se trata da última frase do texto, que condensa a tese defendida no artigo. Enunciado generalizante, propõe uma norma em tom ligeiramente solene” (MAINGUENEAU, 2014, p. 15), característica que podemos encontrar facilmente em *Vox populi Vox Dei*.

Sobre a noção de mineiridade que estamos tentando demonstrar por meio desses exemplos citados neste trabalho, é importante dizer que a noção de política bem como de um povo que se preocupa com o coletivo aparecem como constitutivas desse exemplo de *Voz de Marianna*. Dessa forma, relaciona-se, ainda que não unicamente, com a noção do ideal do que é *ser mineiro*. Afirmamos isso porque o editorial relaciona o provérbio latino com ideais daquilo que se espera do povo mineiro. Assim, reafirmamos que o jornal se vale da aforização como estratégia discursiva sob o ponto de vista da mineiridade, já que a voz de Deus (um valor que supõe-se ser absoluto e detentor de ideais democráticos, por ser esse um disseminador do bem, de acordo com os ideais postos no jornal) deve ser interpretada como a vontade do povo e vive-versa. Assim, elementos de mineiridade constroem com o enunciado aforizante uma relação de concordância que remete às noções que compõem esse imaginário. Por isso, podemos afirmar que o sentido da aforização se dá em sua articulação com todo o discurso veiculado pelo editorial em prova neste exemplo de modo que seria impossível fazer uso de um provérbio, ainda que popularmente conhecido, que não se relacionasse em seu sentido com determinada memória, que, no caso se relaciona ao que é *ser mineiro*. Assim, aforizações desse tipo

definem um modelo que deve se aplicar a um número indefinido de situações, a partir do momento em que essas situações são categorizadas como provenientes desse modelo. O destinatário é então forçado a buscar na situação que partilha com o locutor os elementos que supostamente teriam tornado possível a enunciação (MAINGUENEAU, 2011, p. 19).

Para Maingueneau (2011), as aforizações são parte do espaço midiático e os que entram em contato com esse espaço possuem saberes enciclopédicos para interpretá-las. Assim acontece com a rememoração dos ideais de mineiridade que são evocados não somente neste último exemplo, mas em todos os outros mencionados antes dele. Segundo o autor, “as aforizações participam do que poderíamos chamar de um ‘regime de atualidade’, o que significa dizer que são interpretáveis no interior do vasto interdiscurso do ‘o que se diz’, capaz de alimentar as conversas rotineiras, os fóruns na internet ou os debates televisivos em um dado momento” (MAINGUENEAU, 2011, p. 23). Como



vimos, o provérbio e o editorial sobre o qual nos debruçamos vêm carregados de memória que faz possível sua interpretação. Sem que o leitor tivesse conhecimento tanto do contexto histórico em que se encontrava sua leitura, quanto dos ideais que alicerçam a construção do editorial, sua interpretação seria inválida ou mesmo impossível. Dessa forma, vemos que “a aforização é sustentada por uma memória coletiva de longo prazo” (MAINGUENEAU, 2011, p. 24), o que sustenta a formulação de que a aforização é parte de um tesouro de enunciados comum entre os sujeitos de uma sociedade e que sua interpretação se dá por enquadramento sapiencial. Segundo o autor, “o enquadramento ‘sapiencial’ não inscreve a aforização em um acontecimento, mas a apreende como ponto de vista de um sujeito” (MAINGUENEAU, 2011, p. 24). No caso do editorial de *Voz de Marianna*, podemos considerar que o enquadramento dessa aforização remonta a certo tom de solenidade devido à relevância do momento histórico em que o editorial fora composto e ao resgate de um hiperenunciador que resgata noções religiosas, como a voz de Deus. Esse remonte se dá, dentre outras questões, também no sentido de valorização da democracia e o provérbio condensa e apreende todo o dito do editorial em uma única frase. Lembramos ainda que podemos enquadrar essa aforização numa perspectiva hermenêutica, pois

por meio do enquadramento ‘hermenêutico’, o destinatário deve depreender um sentido oculto, uma ‘mensagem’, que toca a própria identidade do intérprete. Como em toda situação hermenêutica, o enunciado restringe um sentido que não pode ser dado imediatamente, que exige um verdadeiro trabalho de interpretação. A autoridade de aforizador está, assim, respaldada na competência do destinatário, sobretudo quando ambos são membros de uma mesma comunidade restrita que se alimenta de um vasto Tesouro e que desenvolveu procedimentos de interpretação (MAINGUENEAU, 2011, p. 24/5).

Enquadramos ainda o caso da utilização do provérbio latino na lógica interpretativa do editorial no sentido de que

o enquadramento hermenêutico tem como efeito aumentar consideravelmente o potencial semântico da aforização. Depreender a “mensagem” que a aforização deveria supostamente revelar tem um custo cognitivo elevado, e seu conteúdo nunca é totalmente certo (MAINGUENEAU, 2011, p. 25).

O provérbio *Vox Populi Vox Dei* corrobora esse trabalho interpretativo parte do leitor ao vinculá-lo com os elementos linguístico-discursivos que constituem o editorial aumentando seu potencial semântico, fazendo, dessa forma, tornar-se um caso paradigmático da formulação de aforização no que se refere à mídia impressa marianense uma vez que este é um caso do qual podemos depreender boa parte dos atributos desse funcionamento discursivo e que ilustra como a mídia pode fazer uso de frases célebres de um tesouro coletivo de enunciados com o objetivo de conferir autonomia/autoridade ao que diz e aos ideais que defende por meio de seu posicionamento. Neste



caso, reportamo-nos ao posicionamento político defendido pelo jornal *Voz de Marianna*. A utilização do provérbio, acaba por reforçar o ideal de uma verdade inquestionável dado ao não acesso de sua fonte original e dada à amplitude e alcance dessa frase na coletividade. Essa verdade inquestionável é colocada ao leitor pelo jornal de modo a abordar a história do país e do estado de Minas Gerais no tocante à situação política brasileira, o que ilustra a forma como esse funcionamento discursivo é uma amostra emblemática das questões de mineiridade que perpassam as publicações da mídia marianense.

## Considerações finais

Este artigo ocupou-se de demonstrar o desenvolvimento de enunciados destacados e destacáveis colocados na lógica do andamento de diferentes discursos constituindo-se uma análise de parte do funcionamento dos discursos da mídia impressa marianense do século XX. O funcionamento discursivo que se ocupa especialmente das aforizações, além de noções de sobreasseveração e particitação, foi colocado à prova neste trabalho sob a égide de uma construção identitária da mineiridade. Em outras palavras, estivemos ocupados de noções que, além de demonstrarem questões teórico-metodológicas relacionadas à análise discursiva, valeram-se de uma temática relevante do ponto de vista dos jornais marianenses: a construção discursiva do que é *ser mineiro*.

Passamos dessa forma por considerações sobre o que se entende por mineiridade de uma forma bastante elementar para que pudéssemos dar corpo à análise aqui desenvolvida e nos ocupamos de dissertar sobre a particitação e sobreasseveração para que pudéssemos nos debruçar mais especificamente sobre as passagens em que pudemos identificar as aforizações no funcionamento dos discursos da mídia impressa marianense. Todas essas noções foram analisadas à luz do que chamamos algumas vezes de ideais de mineiridade ou *ser mineiro* propondo que a mídia impressa marianense é atravessada por esses elementos. Assim, o objetivo principal deste trabalho foi demonstrar como esses ideais de mineiridade foram construídos ao longo das publicações analisadas. Nosso foco, no entanto, se deu na noção de mineiridade como um pano de fundo para ancoragem desses enunciados. Dessa forma, acreditamos que as noções de mineiridade na construção discursiva dos jornais podem ser apreciadas sob óticas diversas embasadas nos estudos do discurso, como é o caso do imaginário sócio-discursivo ou até mesmo sob a ótica do interdiscurso, em que tomamos um discurso como atravessado por diferentes temáticas e coerções (questão afincada também na lógica das formações discursivas). Nosso trabalho, no entanto, se deu nas noções de possibilidades interpretativas na perspectiva de uma



mineiridade imanente aos jornais.

Diante do que foi exposto neste trabalho, é preciso salientar também que a maneira como os jornais no passado eram conduzidos se difere em boa parte das características que se aplicam à forma de se construir um jornal impresso hoje em dia, especialmente no que tange às aforizações, sobreasseverações e particitações. Por isso, salientamos ainda que as formulações maingueneunianas em relação a esses elementos discursivos ressaltam o uso de fotos, legendas e até mesmo, como podemos ver em Lara (2013) engodos no sentido de chamar a atenção do leitor a qualquer custo<sup>23</sup>. As mídias que colocamos à prova tratam-se, contudo, de casos específicos em que os jornais tinham um “*design*” um pouco diferenciado. Assim, as frases destacadas de personagens significativos da sociedade mineira, bem como o caso de aforização em forma de provérbio ilustram bem o funcionamento discursivo dessas mídias impressas especialmente se levarmos em consideração a construção discursiva dos jornais marianenses a partir de elementos de mineiridade, sobre os quais se debruça a relevância deste trabalho.

---

<sup>23</sup> É oportuno lembrar aqui as postulações de Lara (2013) no tocante aos deslizamentos de sentido que as aforizações ocorridas por destacamento fraco podem ter em relação ao seu texto-fonte. Essa atividade midiática contemporânea parece não se aplicar em sua totalidade à mídia impressa marianense nas matrizes em que se encontram na mídia atual. É por isso chamamos a atenção para o fato de a autora se delongar em análises de veículos recentes, diferentemente das pretensões que tivemos neste trabalho ao focarmos em algumas especificidades de veículos comunicativos mais antigos.



## Referências

- ARRUDA, Maria A. do Nascimento. *Mitologia da Mineiridade*, São Paulo, Brasiliense, 1990.
- FRANÇA, Vera Veiga. *Jornalismo e vida social: a história amena de um jornal mineiro*, Belo Horizonte, Editora UFMG, 1998.
- LANDIM, Alessandra Folha Mós. *A construção discursiva dos jornais marianenses a partir de elementos do imaginário sócio-discursivo de mineiridade*, 2017. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Departamento de Letras. Programa de Pósgraduação em Letras.
- LARA, Glaucia Muniz Proença. Passando a aforização em revista. *Estudos Semióticos*, São Paulo, Volume 9, Número 2, p. 7-1, dez. 2013. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/esse/article/view/69527/72109>. Acesso em 13/08/2018.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Cenas da Enunciação*, Curitiba, Criar Edições, 2006.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*, São Paulo, Parábola Editorial, 2008.
- MAINGUENEAU, Dominique. Aforização, enquadramento interpretativo e configuração humanista. *Discurso e linguagens: objetos de análise e perspectivas teóricas*. Franca, volume 6. 2011. Disponível em: <http://publicacoes.unifran.br/index.php/colecaoMestradoEmLinguistica/article/view/542/434>. Acesso em 13/08/2018.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Frases sem texto*, São Paulo, Parábola Editorial, 2014.

**Submissão: agosto de 2018**

**Aceite: novembro de 2019**



## ANEXO 1

Se é licito engrandecer e cobrir de louros os nomes dos gloriosos defensores da legalidade combalida, por cuja restauração trabalharam com efficacia, a nós mineiros seja grato homenagear, se bem que pallidamente, a invicta personalidade do Dr. Arthur Bernardes cujos sentimentos patrióticos a nação não poderá jamais por em duvida. **Minas liberal** acclamará sempre o seu nome.

### XV ANNIVERSARIO

Ao registrar a União de Moços Catholicos do Brasil, mais um anno de existencia nos annaes de sua historia, cumprimos o grato dever de consignar aqui nosso testemunho de gratidão ao seu illustre fundador — Dr. Olynto Orsini de Castro — que em boa hora soube lançar a pequena semente que hoje crescida se ramifica, arrebanhando a juventude, e formando soldados de Deus e da Patria.

Não é portanto esta data, uma simples ephemeride de almanach, sem escopo, sem principios, é a consagração de um ideal tão nobre quanto patriótico no desenvolver arrojado de seu plano constructor, prevenindo a mocidade contra os perigos que a vida moral que são numerosissimos, quer da vida social que se multiplicam e agravam.

E' por certo bem consolador pensar quantos são os nobres sentimentos que se aninham no coração dos jovens catholicos. No meio do torvelinho das paixões, a que alludira o poeta no extremo esforço de re-provação:

"Prazeres socios meus e meus ty-  
[ramos,  
Esta alma que sedenta em se não  
[coube,  
No abyssmo vos sumiu dos desen-  
[gates!"

não lóra um meio capaz de sustar-  
lhe os mãos pavos, a juventude res-  
vataria fatalmente, abalando a ma-  
china social.

E' tudo o que faz a U. M. C. :  
livrar a mocidade dos perigos da  
vida e guiar a azares dos escolhos  
de sua jornada.

Sobre ser obra verdadeiramente  
humanitaria, é um dos mais pro-  
ficuos apostolados, pelo que Deus a  
conserva e propague.

### EXPEDIENTE

"O Cruzeiro", órgão official da  
U. M. C. de Marianna.

Redactor: Waldemar Moura Santos

Toda materia a ser publicada  
passará pela censura do Revmo. As-  
sistente Ecclesiastico da U. M. C.  
— Para 4.<sup>a</sup> pagina accettamos  
anuncios commerciaes, de indus-  
trias, profissões, etc.

Assignatura annual, 5\$000

N. 4

MARIANNA, 6 DE DEZEMBRO DE 1930

ANNO II

# O CRUZEIRO

DEUS Orgão Official da União de Moços Catholicos PATRIA

Redactor: W. Moura Santos — Verbum Dei non est alligatum — Publicação mensal

Oitavo anniversario da entrada solen-  
ne e posse do Snr. D. Helvecio na  
Cathedral de Marianna



O dia 26 do passado mez de  
Novembro commemorou a entrada  
solenne do Snr. D. Helvecio Go-  
mes de Oliveira, em nova Cathed-  
ral, empossando-se com todas as  
pompas do Pontifical romano, no  
elevado cargo de Arcebispo Metro-  
politano de Marianna.

Ainda está na lembrança de to-  
dos nós o entusiasmo e alegria de  
que se tomou a nossa cidade, rece-  
bendo em seu seio a quem a San-  
ta Sé designara providencialmente  
para romper o luto em que se  
achava a nossa Archidiocese pela

morte de seu queridissimo primeiro  
Arcebispo de memoria saudosa, —  
D. Silvério Gomes Pimenta.

Mas, nessa occasião ninguém po-  
deria imaginar o alcance para Ma-  
rianna de tal substituição, apesar de  
serem as melhores e mais recom-  
mendaveis as credenciaes com que  
se apresentava á sua nova Archi-  
diocese o então Bispo do Maranhão,  
onde deixara uma esteira luminosa  
de sua passagem, apesar de peque-  
no o espaço de tempo em que a  
regeu.

Os oito annos de fecunda admi-

nistrção do Snr. D. Helvecio nesta  
Archidiocese, completados no dia  
26 do mez passado, são um teste-  
munho eloquente de sua operosi-  
dade salesiana, que, com toda jus-  
ticia, se lhe pode applicar o que  
de Apelles refere Plinio: *nulla dies  
sine linea.*

Na verdade ahí está concretizada  
toda sua fecunda actuação na refor-  
ma completa de todos os departa-  
mentos ecclesiasticos de sua séde,  
a começar da velha Cathedral que  
passou, sob sua direcção, por uma  
reforma completa, de modo que in-  
ternamente está inteiramente reju-  
venecida, não sendo preciso mencio-  
nar, tal sua evidencia, a remodela-  
ção do velho solar dos antigos Bis-  
pos de Marianna, hoje convertido  
em modelar Gymnasio municipal  
— lizado com todas as regalias otti-  
cianas, a pitoresca residencia do Ge-  
thsemane, dominando o formoso  
outeiro de São Pedro, construida ás  
suas expensas e offerta por Sua  
Excia. á Archidiocese, como uma  
lembrança de seu jubileu sacerdo-  
tal em Junho de 1921, com as en-  
costas agrestes e até então impro-  
ductivas, transformadas em vistosa  
quinta, enriquecida de uma varie-  
dade immensa de fructas europaeas  
e brasileiras, não lhe faltando exten-  
sa plantação de chá da India, cuja  
primeira colheita abundante se et-  
tecuará no proximo anno, deixando  
ainda de parte a construção do mo-  
delar edificio do Collegio da Pro-  
videncia a inaugurar-se no fim do  
corrente anno, cujas obras foram  
inspiradas e orientadas por S. Excia.,  
basta mencionar o grande Semina-  
rio S. José, já coberto em toda a  
sua extensão, em cuja construção  
já se despendeu quantia superior a  
500 contos, tendo para ella recebido  
o Snr. D. Helvecio menos de 200,  
dispensando generosamente para  
cobrir o deficit tudo que lhe vem  
de seus honorarios e offerendas pes-  
soaes, e que, em pouco tempo con-  
cluido, immortalará por si só a  
memoria desse benemerito Prelado,  
que ha oito annos apenas dirige  
nossa feliz Archidiocese, e que n'



## EDITORIAL

### “Vox populi vox Dei!”

Entramos em um período de redescoberta dos princípios de Democracia. Um conceito que nos acompanha desde a descoberta do Brasil, sempre deturpado, sempre escondido em páginas de manuais esquecidos. O povo Brasileiro pouco a pouco vai descobrindo seus direitos, tomando consciência de seus passos, ampliando o seu ideal de Nação. E nesta reconquista de vez e voz, o povo, antes objetivo passivo da ação do governo, de seus desmandos e abusos, tornou-se ou vem tornando-se sujeito da ação de governar. Finalmente a ciência política no Brasil evoluiu o suficiente para adotar um sistema de governo onde a força do povo é a última palavra, é o voto decisivo em resolver seus problemas. O povo é soberano para decidir sobre o seu destino.

Depois de um período de incubação de mais de 400 anos, cabe-nos perguntar se estamos realmente preparados para assumir as responsabilidades sobre as decisões tomadas por nossos representantes em nosso nome. É bom saber que daqui pra frente não teremos mais que culpar aos líderes. Eles cumprem o desejo do povo e o povo torna-se então o único responsável pelas atitudes de seu governo. Que seja o povo responsável pelas boas obras e pelos erros. Bem, já que o povo é a principal vítima das consequências dos erros administrativos, agora é também responsável. É nosso direito. E é valendo-se deste direito que vamos às ruas em passeatas lutar por aquilo que é nosso. Exercendo a função que nos é devida dentro do governo é que questionamos a posição e importância dos órgãos públicos que financiamos, cobrando serviços daqueles funcionários do povo que sempre esquecem quem são os seus patrões.

É hora do povo levantar a cabeça, assumir a atitude digna de uma Nação forte e rica, que elege e remunera bem seus funcionários e deles deve exigir dedicação, respeito, honestidade e responsabilidade. Conscientizar nossos políticos de que o povo é o patrão, único e soberano, o dono das verbas e é ele quem deve ditar as normas. Antes de tudo, o povo deve ser ouvido, escolher suas prioridades, dar opiniões e só a ele deverá o político prestar as suas contas. E nós, o povo, deveremos exigir que nos prestem contas.

Você, amigo leitor, saberia enumerar uma a uma todas as emendas e projetos em favor do povo apresentados pelo seu candidato eleito Constituinte? E saberia dizer se correspondem às suas ansiedades, correspondem àquelas palavras dos palanques da campanha? Se não correspondem é hora de irmos à cobrança. O patrão tem direito de advertir funcionários, puni-los e até mesmo demiti-los se não estiverem cumprindo suas funções dignamente. Temos que cobrar aquilo que nos é necessário, os serviços pelos quais pagamos, as obras que necessitamos. E saber dizer não àqueles lobos em peles de ovelhas que nos vêm cheios de palavras e promessas e que vendem barato a alma do povo, traem a confiança de seu eleitorado e só lutam em benefício próprios de uma minoria. A estes, temos que dar o desprezo nas próximas urnas e impedir que continuem lutando contra os interesses do povo. É nosso dever como cidadãos, é nosso direito como contribuintes. Uma nação forte se faz quando o povo tem consciência de sua força e luta unido em prol de seus interesses.

Que nós brasileiros saibamos nos preparar para exercer esta difícil tarefa de supervisores da máquina administrativa. Que tenhamos força e união na hora de cobrar de nossos representantes municipais, estaduais ou federais os serviços e obras que necessitamos e que tenhamos forças para punir aqueles que nos desagradam ou que se mostram contrários às nossas aspirações e interesses. Tenhamos alma coletiva, fortalecido conceito de Nação e, ombro a ombro, vamos lutar em defesa de nossos direitos. “Vox populi, vox Dei!” — A voz do povo é a voz de Deus!

Israel Quirino

## Correspondência Espaço ao leitor

Belo Horizonte, 11 de junho de 1987.

Caro Dr. Décio

Tenho recebido pontualmente a “VOZ DE MARIANNA” e gosto de ver que há colaboradores bastante corajosos para denunciar este descalabro de governo que anda por aí. Onde e aonde iremos parar?

Só se vê incompetência, corrupção e hipocrisia.

Não teremos direito nem ao pão nosso de cada dia, quando os donos do poder se fartam em banquetes?

Afetuosamente,

Lélia Vidal Gomes Gama  
(Escritora e jornalista, residente em Belo Horizonte)

Goiânia, 28 de julho de 1987

Estimado Professor Décio

Por motivo de viagem, estive por algum tempo ausente, motivo por que não lhe escrevi agradecendo a remessa de “VOZ DE MARIANNA”. Tenho apreciado muito os seus artigos, excelente retrospecto de valor histórico. Espero dessas pesquisas, saia mais uma “História de Minas Gerais”. Aproveite a oportunidade para lhe enviar a minha última colaboração na imprensa local. São apenas divagações, exercícios mentais. Quando me canso da leitura, refugio-me no papel, escrevendo o que me vem à cabeça, sem preocupações de maiores criatividade.

Despeço-me com meu cordial abraço.

José Normanha de Oliveira  
(Médico, escritor e jornalista)

Acuso o recebimento de uma delicada carta do sr. Juarez Medeiros, que entre outros assuntos, pergunta sobre os planos da excursão ao Itacolomy. Breve estaremos dando através do “Voz de Marianna”, maiores detalhes

sobre a mesma. Agradeço também a remessa do artigo sobre o Pico do Itabirito, publicado no Jornal do Brasil.

Um abraço fraterno da

Tia Marta.

A Diretoria do “Voz de Marianna”, agradece o convite recebido, do Departamento Cultural do Movimento Renovador de Mariana, assinado pelas senhoras Hebe Rola dos Santos, Elaine Barbosa do Nascimento e Marlene de Souza Maia. Para ouvir e contar “Casos de Mariana”.

Recebemos e agradecemos, a remessa do jornal “Edição do Brasil”, feita pelo nosso colaborador na parte de Redação e Edição, jornalista Geraldo da Silva Mayrink, onde aparece na coluna “Edição Mineira”, o artigo que transcrevemos: “A primeira capital de Minas Gerais, cidade de Mariana, estará em clima de festa nesta semana. Neste dia 16 julho, Mariana completa 291 anos de existência, e é reconhecida como Patrimônio Cultural da Humanidade. Sendo berço da civilização e religiosidade mineira, o ponto mais alto das comemorações do aniversário da cidade será a festa de Nossa Senhora do Carmo, padroeira da cidade. Além de ser uma cidade turística, Mariana é muito querida pelos mineiros. Portanto, será uma semana de muita animação também para todos os mineiros que preservam a sua cultura.

A Diretoria do “Voz de Marianna”, agradece a comunicação do Movimento Renovador de Mariana, cuja Diretoria tomou posse no dia 26 de junho, p.p., tendo como presidente, Efigênia Maria da Silva. A todos componentes do movimento, votos de êxito na proposta de bem servir a Comunidade Marianaense.

Mariana, agosto de 1987

## EXPEDIENTE VOZ DE MARIANNA

Publicação mensal da VOZ DE MARIANNA JORNALISMO E PROMOÇÕES CULTURAIS  
Praça Cláudio Manoel, nº 90 — Mariana — MG  
Fone: 557.176 — CEP — 35.420

### DIRETORES:

Presidente: Martha de Oliveira  
Vice-presidente: Israel Quirino  
Tesoureiro: Arinos Cesimbra de Queiroz  
Vice-Tesoureiro: Otacílio de Oliveira Loreto  
Secretária: Eliane Ribeiro Leite  
Vice-secretária: Mari da Conceição Roberto  
Diretor de Imprensa: Dr. Décio de Vasconcelos  
Vice-diretor de Imprensa: Maria Tereza Pedrosa da Silva  
Diretora de Relações Sociais: Bernadeth Maria Pedrosa Santiago  
Vice-diretora de Relações Sociais: Tânia Oliveira Cota

Composição, Montagem e Impressão: Diário do Comércio Empresa Jornalística Ltda., rua Padre Rolim, 652 — São Lucas — Belo Horizonte — MG

### Panificadora Gonçalves Ltda.

Balás, biscoitos, bolos de aniversários, etc...  
Pães quentes de 20 em 20 minutos.  
Rua C, nº 4 — Bairro Colina  
35.420 — Mariana — MG

### Lanchonete e Pastelaria Messias

Sucos, vitaminas, pastéis e kibes.  
Terminal Rodoviário, loja 5  
35.420 — MARIANA-MG

### LANCHONETE GOMES

Balás, biscoitos, aperitivos e o delicioso caldo de mocotó.  
Praça Juscelino Kubitschek  
Terminal Rodoviário  
35.420 — MARIANA-MG